

Cotidianos, escolas e patrimônio

Percepções
antropourbanísticas
da capital do Brasil

Cristina Patriota de Moura
Elane Ribeiro Peixoto
Maria Fernanda Derntl
(organizadoras)

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Fernando César Lima Leite
: Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
: Carlos José Souza de Alvarenga
: Estevão Chaves de Rezende Martins
: Flávia Millena Biroli Tokarski
: Jorge Madeira Nogueira
: Maria Lidia Bueno Fernandes
: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
: Sely Maria de Souza Costa
: Verônica Moreira Amado

EDITORA



UnB

Cotidianos, escolas e patrimônio

Percepções
antropourbanísticas
da capital do Brasil

Cristina Patriota de Moura
Elane Ribeiro Peixoto
Maria Fernanda Derntl
(organizadoras)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Equipe editorial
: Luciana Lins Camello Galvão
: **Coordenação de produção editorial** : Angela Gasperin Martinazzo
: **Preparação e revisão** : Wladimir de Andrade Oliveira
: **Projeto gráfico** : Haroldo Brito
: **Diagramação**
: © 2020 Editora Universidade de Brasília
: Direitos exclusivos para esta edição:
: Editora Universidade de Brasília
: SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
: 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
: Telefone: (61) 3035-4200
: Site: www.editora.unb.br
: E-mail: contatoeditora@unb.br
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
: desta publicação poderá ser armazenada ou
: reproduzida por qualquer meio sem a autorização
: por escrito da Editora.
: Esta obra foi publicada com recursos provenientes do
: Edital DPI/DPG nº 3/2019.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

C844 Cotidianos, escolas e patrimônio : percepções antropourbanísticas da capital do Brasil / Cristina Patriota de Moura, Elane Ribeiro Peixoto, Maria Fernanda Derntl (organizadoras). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.
204 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-010-7

1. Distrito Federal (Brasil). 2. Espaços públicos. 3. Cotidianos escolares. 4. Patrimônio cultural. I. Moura, Cristina Patriota de (org.). II. Peixoto, Elane Ribeiro (org.). III. Derntl, Maria Fernanda (org.). IV. Série.


CDU 39:72(817.4)



Créditos e agradecimentos

Apresentamos, neste livro, os primeiros resultados de pesquisa desenvolvida por membros de dois laboratórios de pesquisa da Universidade de Brasília (UnB) – o Labeurbe (Laboratório de Estudos da Urbe) e o Laviver (Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas: Direitos, Políticas e Estilos de Vida), respectivamente vinculados à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e ao Departamento de Antropologia da UnB. O Labeurbe e o Laviver estabeleceram essa colaboração visando compreender os cotidianos de moradores de diferentes regiões administrativas do Distrito Federal e os significados desses cotidianos para a configuração metropolitana da capital federal.

Para a realização da pesquisa, contamos com o financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) para o projeto intitulado “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas da capital do Brasil”, agraciado por meio do Edital nº 3/2016. Também obtivemos o apoio da Capes por meio do Edital Capes-PrInt, que nos possibilitou ampliar o diálogo em colaboração com o pesquisador Alan Mabin, da Universidade de Witswatersrand, África do Sul, e discutir parte dos resultados em evento da Red Internacional de Etnografía con Niños e Niñas (RIENN) na Western Oregon University, em maio de 2019. Agradecemos também ao CNPq, que possibilitou a realização



de parcelas significativas da pesquisa por meio de bolsas de mestrado e doutorado concedidas a autores de capítulos do livro.

Somos gratas a colegas que participaram da elaboração do projeto inicial, em especial a Antonádia Borges, e a todas as estudantes que, apesar de não constarem como autoras de capítulos deste livro, contribuíram com a pesquisa em diferentes momentos: Stéfane Cryslaine Alves Guimarães, Raíssa Menezes de Oliveira, Joyce Helen Neves da Silva e Carolina Holanda Castor.

Também agradecemos especialmente à direção, coordenação, professores, estudantes, funcionários, pais e mães das “comunidades escolares” dos Centros de Ensino Fundamental CEF 19, em Ceilândia, e CEF 02, no Plano Piloto, com quem esperamos continuar colaborando para possibilitar maior integração entre as escolas, suas vizinhanças, as áreas reconhecidas como patrimônio material e a metrópole em que se transformou a capital do Brasil.

Cristina Patriota de Moura

Elane Ribeiro Peixoto

Maria Fernanda Derntl

Sumário

Introdução

Cotidianos, escolas e patrimônio: percursos de pesquisa 9

Cristina Patriota de Moura

Elane Ribeiro Peixoto

Maria Fernanda Derntl

Capítulo 1

História, memória e patrimônio de Brasília: escolas em unidades de vizinhança 27

Maria Fernanda Derntl

1.1 Unidades de vizinhança: trajetórias de um conceito **28**

1.2 Plano Piloto e Plano Escolar: vínculos e articulações **33**

1.3 Outros planos: do núcleo traçado por Lucio Costa às propostas de organização do território **37**

1.4 Os planos urbanísticos para as cidades-satélites: a unidade de vizinhança reformulada **40**

1.5 História e memória entrelaçadas: dos discursos fundadores aos depoimentos de moradores de cidades-satélites **44**

Capítulo 2

A Unidade de Vizinhança nº 1 e as escalas relevantes do patrimônio 59

Cristina Patriota de Moura

Vinicius Prado Januzzi

2.1 Um relato de campo **60**

2.2 As múltiplas escalas da cidade **62**

2.3 Considerações finais **82**

Capítulo 3

Espaços públicos e vida cotidiana na Unidade de Vizinhança nº 1 87

Vinicius Prado Januzzi
Alexandre Jackson Chan Vianna

- 3.1 Introdução **88**
- 3.2 O cotidiano da Unidade de Vizinhança nº 1 **89**
- 3.3 Trânsitos na Unidade de Vizinhança nº 1 **105**
- 3.4 Considerações finais **110**

Capítulo 4

Arte e cidade em escolas de ensino fundamental 117

Elane Ribeiro Peixoto
Julia Mazutti Bastian Solé

- 4.1 O portão aberto **117**
- 4.2 O CEF 19 **120**
- 4.3 A turma da Vânia **124**
- 4.4 Alberto Caeiro a nos guiar **127**
- 4.5 A minha cidade é mesmo bonita **144**

Capítulo 5

Transformações morfológicas de Ceilândia 153

Elane Ribeiro Peixoto
Alana Silva Waldvogel

- 5.1 Ceilândia no tempo **159**
- 5.2 O plano da cidade e suas primeiras ocupações **161**
- 5.3 As casas da Shis **170**
- 5.4 Considerações sobre as transformações morfológicas de Ceilândia **174**
- 5.5 Ceilândia no âmbito de uma discussão patrimonial **181**

Capítulo 6

Nexos e horizontes da pesquisa 187

Cristina Patriota de Moura
Elane Ribeiro Peixoto
Maria Fernanda Derntl

Sobre as autoras e os autores 199



6

Capítulo 6

Nexos e horizontes da pesquisa

Cristina Patriota de Moura
Elane Ribeiro Peixoto
Maria Fernanda Derntl

Quais são as implicações de viver em uma cidade considerada patrimônio cultural da humanidade, por seu peculiar traçado urbanístico? Como se dão as dinâmicas cotidianas na imensa área metropolitana de Brasília, cuja expansão subverteu a ideia inicial de uma icônica e restrita cidade capital? Tais indagações, subjacentes às pesquisas que deram origem a este livro, foram desenvolvidas a partir de outras questões, mais específicas e circunscritas: como crianças e adolescentes se relacionam com o patrimônio brasiliense e com as unidades de vizinhança em que se localizam suas escolas? Suas experiências diárias estariam ainda marcadas pelas determinações instauradoras da fundação da capital?

As percepções e reflexões contidas nos capítulos que compõem este livro são aqui articuladas para sublinhar seus nexos, construídos a partir de três dimensões que elencamos a título de ordenamento intelectual

heurístico. A primeira delas, que podemos nomear como *simbólica*, orientou-se pelo tema do patrimônio cultural, em torno do qual a inserção nas escolas foi possível. Sua eleição norteou grande parte das atividades e oficinas nas escolas-âncora de nossa pesquisa. A educação patrimonial faz parte dos propósitos pedagógicos acolhidos pelas escolas, sendo a Unidade de Vizinhança nº 1, inclusive, apreensível como “uma espécie de museu vivo da utopia urbana modernista.” (VIANNA *et al.*, 2012, p. 21). Em pesquisa preliminar realizada naquele espaço em 2011, um grupo vinculado ao Departamento de Sociologia da UnB constatou, ao discutir o processo de desenvolvimento da cidade:

[...] nota-se em Brasília grande dificuldade do seu cidadão em se compreender integrado ao ambiente que é patrimonializado – reconhecido como patrimônio cultural da humanidade, nacional e distrital – distanciando-o da percepção imanente de que vive em uma cidade-museu, fazendo-o desconhecer e ignorar a última categoria antes mencionada, o patrimônio socialmente construído que compartilha. (VIANNA *et al.*, 2012, p. 23).

A pesquisa que desenvolvemos a partir do projeto “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas da capital do Brasil” escolheu os membros das comunidades escolares como cidadãos privilegiados, que *fazem a cidade* (AGIER, 2011) em seus percursos cotidianos, estabelecendo vínculos afetivos e valorativos reconhecidos ou não pelas instâncias institucionais legitimadoras do chamado patrimônio, que aqui compreendemos como um “dado cotidiano”, “parte de nossas experiências diárias”, conforme defendido por José Reginaldo Gonçalves (2012, p. 70).

A segunda dimensão, ou eixo de análise, que denominamos *espacial-local*, engloba a Unidade de Vizinhança como espaço de vivência, em que as escolas estudadas são protagonistas e centro privilegiado de observação. Essa dimensão também caracteriza uma escala de planejamento urbano e uma “unidade de análise” que permite ao olhar etnográfico “escapar do plano de uma totalidade inabarcável, mas sem cair numa fragmentação sem fim”, tal qual proposto por José Guilherme

Magnani (2013, p. 56). Assim, refletimos acerca das localidades em que as escolas estão situadas e das relações das respectivas comunidades escolares com tais localidades.

Por fim, uma terceira dimensão, que aqui chamamos de *espacial-metropolitana*, envolve os movimentos pela cidade polinucleada que se configura como a Área Metropolitana de Brasília, com consequências e rebatimentos no cotidiano de quem a vive. Trajetos espaciais diários e trajetórias biográficas se compõem em diálogo com essa dimensão, que chama a atenção para os movimentos e os projetos (VELHO, 1994) que impulsionam escolhas de locais de moradia e trabalho, matrículas escolares e meios de transporte acionados diariamente, conforme já discutido em artigo anterior de uma das organizadoras desta obra em relação a estudantes da Universidade de Brasília (PATRIOTA DE MOURA, 2017; PATRIOTA DE MOURA; VASCONCELOS, 2012)

Na presente pesquisa, a escola foi tomada como instância privilegiada para análise das múltiplas dimensões da metrópole brasiliense, com base em uma interseção de métodos e referências teóricas dos campos da Antropologia e da Arquitetura e Urbanismo. Esse encontro disciplinar não é novidade em se tratando de Brasília. Há algumas décadas, a análise antropológica da cidade planejada tem rendido obras importantes, tais como a tese de James Holston (1993), depois transformada em livro já clássico da literatura crítica sobre a capital. Sem deixar de considerar as relevantes contribuições de Holston, seu livro mereceu, porém, críticas provenientes tanto do campo da Antropologia (CARVALHO, 1991), porque teria privilegiado a crítica sociológica e urbanística, mais do que propriamente a antropológica, como da Arquitetura, com base no argumento de que lhe faltou conhecimento acerca do debate modernista no Brasil (GORELIK, 2005). Mais recentemente, estudos e trabalhos diversos em ambos os campos promoveram novas aproximações teóricas e metodológicas, sobretudo ao buscar analisar percepções, vivências e experiências de grupos e indivíduos que habitam em Brasília. Ainda assim, a pesquisa aqui apresentada é original ao reunir uma equipe multidisciplinar, com predomínio da Antropologia e da Arquitetura, para analisar

as dimensões urbanas anteriormente citadas a partir das experiências de diferentes participantes das assim chamadas comunidades escolares.

Não apenas em termos teórico-metodológicos, mas também em sua orientação temática, a pesquisa ora apresentada se debruça sobre questões ainda pouco exploradas. Há muitos estudos recentes acerca do legado de Anísio Teixeira e da história e memória de Brasília no campo da educação (PEREIRA *et al.*, 2010; PEREIRA; COUTINHO; RODRIGUES, 2018). Ao lado disso, ao menos um trabalho recente na área de educação explora a perspectiva de crianças ao percorrer Brasília e vivenciar seus espaços (MULLER; MONASTERIO; DUTRA, 2018). No entanto, afora essas exceções, quando se trata de espaços escolares, a ênfase tem sido posta em edifícios e espaços intramuros, mais do que em espaços circundantes ou deslocamentos envolvidos na frequência escolar.

Há, porém, importantes precedentes a esta pesquisa quando se trata de outros contextos urbanos. Em fins dos anos 1970, o trabalho da arquiteta Mayumi Watanabe Souza Lima, então Superintendente de Planejamento na Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo (Conesp), organizou uma equipe multidisciplinar que promoveu atividades com um grupo de alunos de uma Escola Estadual de Primeiro Grau (EEPG) de São Paulo, por ocasião da elaboração do projeto de um novo edifício, com o objetivo de analisar suas percepções quanto ao espaço escolar, considerando, também, sua relação com o entorno e a cidade (BUIIONI, 2009). A pesquisa de Mayumi Lima com escolas levou à publicação, em 1988, do livro *Espaços educativos, uso e construção* (LIMA, 1988), e, no ano seguinte, de *A cidade e a criança* (LIMA, 1989). Ainda que – diferentemente dos propósitos desta pesquisa – suas preocupações estejam voltadas, em última análise, para a renovação dos métodos de projeto de edifícios escolares, o trabalho da arquiteta teve papel fundamental no sentido de articular reflexões acerca de políticas educacionais, escola e espaços da cidade. Mais recentemente, a atividade de Mayumi Lima inspirou uma ampla pesquisa – também com ênfase no projeto arquitetônico – acerca de “territórios educativos”. Tal pesquisa compreendeu análises de registros etnográficos da presença e circulação de crianças por espaços públicos

no entorno de escolas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, experiências de ensino, pesquisa e extensão e avaliações pós-ocupação de instituições de educação integral. Ali – de modo similar a esta pesquisa – a escola foi considerada “uma centralidade que pode ativar a formação de territórios educativos a partir da apropriação de outros espaços que ultrapassam os limites dos seus muros.” (AZEVEDO; TÂNGARI; RHEINGANTZ, 2016).

No que tange à escala metropolitana, destacam-se os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Observatório das Metrópoles, que geraram duas importantes publicações que, entre outros fatores, trabalham com conceitos como o de “efeitos de vizinhança” e problematizam questões como mobilidade social e escolhas de escolas por parte de diferentes segmentos da população do Rio de Janeiro (RIBEIRO; KATZMAN, 2008; RIBEIRO *et al.*, 2010). Apesar da dimensão majoritariamente quantitativa desses estudos, que trabalham com dados censitários e indicadores como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), as duas coletâneas publicadas também trazem contribuições etnográficas a partir de pesquisas em bairros e escolas específicas, como o artigo de Carolina Zuccarelli e Gabriel Cid (2010).

Nos desenvolvimentos da presente pesquisa, os membros da equipe mantiveram-se a par dessas relevantes referências teórico-metodológicas acerca da relação entre escolas e espaços urbanos e buscaram articular os propósitos mais amplos definidos pelo projeto da pesquisa com seus próprios interesses e trajetórias. Porém, conforme registram os textos que compõem este livro, desde o início das atividades em campo a equipe foi surpreendida por problemas inusitados e possibilidades imprevistas, que, longe de constituírem meros entraves, muito contribuíram para definir os rumos da pesquisa e para despertar novas questões a serem investigadas.

A intenção de trabalhar com alunos e professores vinculados a duas escolas, uma no Plano Piloto e outra em Ceilândia, estava prevista no projeto de pesquisa como modo de aproximação a dinâmicas específicas de deslocamento e apropriação dos espaços, sem a pretensão de assumir um caráter amostral ou de chegar a conclusões genéricas.

Se, por um lado, a escolha do Centro de Ensino Fundamental localizado na Asa Sul (CEF 02) correspondeu a uma experiência de observação prolongada naquela área, já estabelecida como “modelo” e “patrimônio” na cidade modernista, por outro lado, a escolha da escola em Ceilândia foi muito determinada pelo seu “portão aberto”, que dá título a uma das seções do livro. Embora a CEF 19 se apresentasse, como muitas outras escolas construídas em cidades-satélites nos anos 1980, como construção pavilhonar e cercada por altos muros, houve imediata receptividade à equipe da pesquisa por parte de seus professores e coordenadores e, além disso, era evidente o cuidado no trato de seus espaços e na elaboração de atividades didáticas.

Em ambos os casos, a cidade-patrimônio logo emergiu como temática fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos de campo, percebendo-se que havia nela potencial para articular interesses e propostas didáticas de professores de cada uma das escolas, ao tempo em que se coadunava com objetivos antes definidos pela equipe da pesquisa. Nessa conjugação de interesses, o patrimônio tornou-se, então, tema mais relevante para a pesquisa do que antes se supunha e orientou a definição de um conjunto específico de indagações. De antemão, não se pretendeu retomar a trajetória de patrimonialização de Brasília como discussão restrita a um círculo de especialistas e intelectuais, mas sim indagar, como propôs Sandra Pesavento, sobre as diversas camadas de sentido atribuídas às cidades por seus habitantes e, na mesma linha, ir além da “imagem consagrada pelo cartão postal” para averiguar outras possíveis referências espaciais na elaboração de imaginários da urbe. Desse modo, foi também instigante a sugestão de Pesavento no sentido de examinar como designações e significados atribuídos à cidade por arquitetos e urbanistas podem interagir com construções simbólicas elaboradas por quem vive naqueles espaços, em um “vaivém dos sentidos conferidos aos espaços e sociabilidades urbanas” por “profissionais da cidade” e por seus habitantes (PESAVENTO, 1995, p. 283). Esses direcionamentos teóricos iniciais foram revisitados em função da ideia de privilegiar percursos e vivências de alunos em relação com

o princípio urbanístico da unidade de vizinhança e dos próprios desenvolvimentos dos trabalhos de campo.

Mais do que apenas coletar narrativas e relatos orais ou escritos de alunos e professores, a participação em oficinas didáticas e o acompanhamento de visitas a espaços e edifícios da capital propiciaram observar comportamentos, sensações e vivências, assim como produzir imagens, desenhos e maquetes. Esse material não configurou um conjunto de dados homogêneo e coeso, mas, em vez disso, evidenciou contradições na percepção dos alunos e tensões subjacentes ao modo como estes experimentaram as respectivas unidades de vizinhança que compreendem suas escolas.

Como relatou a equipe coordenada pela professora Cristina Patriota de Moura, alunos da escola situada na Asa Sul demonstraram pouco apreço pelos locais cultuados como patrimônio e escassa empatia pelos moradores daquela unidade de vizinhança. No entanto, também foi possível ver que as crianças *passavam* pelo espaço com liberdade e de modo lúdico, em vez de usá-lo apenas instrumentalmente – o que permitiu dialogar com a teoria do cotidiano de Michel de Certeau (1998), para pensar os usos e concepções táticas de meninas e meninos que perfazem diferentes escalas urbanas da capital. Constatou-se uma disjunção entre a “comunidade escolar”, composta por famílias que moram em diferentes regiões administrativas economicamente menos favorecidas do Distrito Federal, e a unidade de vizinhança em que a escola está localizada. Tal disjunção parece ser aprofundada pelo caráter autorreferenciado do patrimônio do Plano Piloto, cujas narrativas, pautadas por noções como a de modelo e de excepcionalidade, atuam no sentido de definir aquilo que é considerado legítimo repositório de supostos valores fundadores de Brasília.

A experiência da equipe de pesquisa com estudantes e professoras em duas oficinas semanais permitiu estabelecer um diálogo teórico com as considerações de Bruno Latour (2005, 2009) a respeito da composição do social e das formas de dimensionamento envolvidas nos processos de representar agregados urbanos como totalidades apreensíveis. Diferentes escalonamentos e relevâncias puderam ser percebidos nas

interações entre múltiplos sujeitos que convivem diariamente na unidade de vizinhança, colocando em xeque as projeções urbanísticas de Lucio Costa, que também se transformou em personagem com o qual os estudantes de ambas as escolas interagiram, na forma de grandes fotografias em locais de visitação turística.

O caráter emblemático da unidade de vizinhança do Plano Piloto se mantém presente não apenas em narrativas oficiais, mas, conforme observaram Vinicius Januzzi e Alexandre Chan Vianna, a especial relação dos moradores locais com o fato de se tratar de um patrimônio tombado é nítida. O capítulo desses pesquisadores mostra também que dinâmicas mais amplas atuam no cotidiano daqueles espaços: não é possível conceber as sociabilidades do/no Plano sem conectá-las aos múltiplos trajetos e trajetórias que se fazem ali por pessoas que não moram nos seus contornos. Mais do que julgar a cidade por aspectos preconcebidos de seu urbanismo, os autores atentam para a necessidade de considerar as inúmeras escalas que convivem, chocam-se e sobrepõem-se nos espaços da cidade modernista.

Enquanto a pesquisa com a escola e a unidade de vizinhança do Plano Piloto pôde contar com um sólido arcabouço de estudos anteriores a respeito de seus diversos aspectos, o trabalho de campo e a análise de Ceilândia exigiram, por sua vez, um esforço amplo de análise preliminar e busca de referências acerca de seu urbanismo, suas transformações e vivências cotidianas. Na bibliografia corrente, os planos urbanísticos de cidades-satélites foram tradicionalmente considerados secundários ao Plano Piloto e mereceram poucos estudos mais detidos sobre o processo de sua elaboração e de apropriação por parte da população local. Em uma perspectiva distinta, a investigação de Elane Peixoto e Alana Waldvogel sobre Ceilândia mostrou que o traçado inicial da cidade-satélite foi fruto de uma conjugação de circunstâncias e referências teóricas, caracterizando-se por sucessivos estados de precariedade, quer da própria infraestrutura da cidade, quer das moradias. A atuação de seus moradores foi considerada crucial para a definição da paisagem urbana e instituiu um movimento de contrapartida ao modelo de cidade racionalizada e normatizada. Ali, o patrimônio institucionalizado adquiriu

conotações específicas: não se trata de analisar edifícios ou espaços icônicos, mas de representar narrativas locais sobre as demandas e lutas de seus habitantes pela infraestrutura urbana, conforme expressa o tombamento da Caixa d'Água.

O reconhecimento de outra possibilidade de construção de histórias e narrativas sobre Brasília, tomando como ponto de partida a perspectiva local – e não a usual referência externa ao Plano Piloto –, abriu caminho para a discussão de Ceilândia em seus aspectos históricos, nos seus acervos artísticos e na constituição, defesa e transmissão de seu patrimônio cultural. Como mostra o capítulo escrito por Elane Peixoto e Julia Mazutti, essa foi a base para o trabalho na disciplina de educação artística e nas experiências de deslocamento com os alunos da escola situada na Guariroba. Embora a escola de Ceilândia esteja situada em um bairro com menos recursos do que a da unidade de vizinhança do Plano Piloto, evidenciou-se ali uma rede de conexões mais densas e intensas, que incluía professores, pais, vizinhos e estudantes com laços afetivos importantes em relação à área circundante, além de se expressar um senso de história compartilhada.

O trabalho de pesquisa com as escolas em unidades de vizinhança de Ceilândia e do Plano Piloto levou a reafirmar a hipótese inicial de que a metrópole não se define de forma precisa ou estável. Pelo contrário, é construída por dinâmicas e localizações em permanente reconfiguração, tanto no espaço quanto no tempo. Essa hipótese foi, ainda na etapa de formulação do projeto, desdobrada em outras. Assumimos a ideia de que as escolas ensejam percursos em diferentes escalas, desafiando as clássicas dicotomias dos estudos urbanos que insistem em analisar as cidades a partir do binômio centro-periferia. Ademais, as escolas públicas, como locais de trabalho, formação e apoio às comunidades nas quais estão instaladas se revelaram alvissareiros pontos de encontro para a pesquisa, porque permitiriam pensar cotidianos da metrópole e projetos de vida formulados pela teia de sociabilidades que nelas se apoiam.

Ainda que tais hipóteses tenham se sustentado ao longo da pesquisa de campo, importantes nuances vieram à tona na comparação entre os trabalhos com o Plano Piloto e Ceilândia. Se, como propusemos

inicialmente, as cidades fazem as pessoas e as pessoas fazem as cidades, os diferentes espaços também mostraram diferentes possibilidades de se deixar moldar às ações ou vivências de seus moradores ou transeuntes. Em Ceilândia, um senso de pertencimento e liberdade no uso dos espaços esteve patente nas falas e movimentos dos alunos, enquanto a unidade de vizinhança do Plano Piloto não foi capaz de ensejar similar interesse por parte dos jovens estudantes que a percorriam, a despeito da qualidade emblemática dos espaços construídos. Ainda assim, ela não deixou de despertar narrativas reveladoras de um entendimento da condição social dos alunos em sua relação com aquele lugar.

A noção de patrimônio, que no projeto inicial da pesquisa estava presente, embora de modo menos relevante, adquiriu força ao longo da pesquisa por seu potencial de condensar narrativas e sintetizar formas legitimadas de reconhecimento social e institucional de espaços e edifícios. O patrimônio instituído foi, desse modo, uma referência útil para investigar possíveis contranarrativas ou representações alternativas por parte dos alunos. Novamente, o que se constatou não foi mera oposição ou sentimentos claros de rejeição ou aceitação, mas um conjunto ambíguo e complexo de relações de inclusão e exclusão. Como se viu, as múltiplas percepções sobre espaços do Plano Piloto foram além da simples contestação do caráter modelar do conjunto urbanístico. A pesquisa sugeriu, enfim, a necessidade de pensar a gestão do patrimônio de modo menos dissociado das realidades e vivências cotidianas da população metropolitana, considerando uma gama mais ampla de experiências e percepções por parte de atores de diferentes idades e proveniências.

Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AZEVEDO, Giselle Arteiro N.; TÂNGARI, Vera Regina; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (org.). *Do Espaço Escolar ao Território Educativo: O lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/Proarq, 2016.

BUITONI, Cássia Schroeder. *Mayumi Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação*. 2009. 226 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARVALHO, José Jorge de. Brasília, from utopia to reality. *Current Anthropology*, Chicago, v. 32, n. 3, p. 359-362, jun. 1991.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à transformação permanente. In: TAMASO, I.; LIMA FILHO, M. F. *Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos*. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 59-74.

GORELIK, Adrián. *Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

HOLSTON, James. *A Cidade Modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LATOUR, Bruno. Paris, Cidade Invisível: O Plasma. *Ponto Urbe*, v. 5, 31 dez. 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1632>. Acesso em: 30 jul. 2019.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LIMA, Mayumi Souza. *A Cidade e a Criança*. São Paulo: Nobel, 1989.

LIMA, Mayumi Souza. *Espaços educativos: uso e construção*. Brasília: MEC/CEDATE, 1988.

MAGNANI, José Guilherme C. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. *Anuário Antropológico 2012/II*, Brasília, p. 53-72, dez. 2013.

MULLER, Fernanda; MONASTERIO, Leonardo; DUTRA, Cristian. Por que tão longe? Mobilidade de crianças e estrutura urbana no Distrito Federal. *Cadernos da Metrópole*, São Paulo, v. 20, n. 42, p. 577-598, maio/ago. 2018.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. Considerações sobre motilidade estudantil nos *campi* da Universidade de Brasília. In: MARINS, C. B.; VIEIRA, M. M. *Educação Superior e os Desafios do Novo Século*. Brasília: Editora UnB, 2017. p. 301-334.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina; VASCONCELOS, Larissa. Trajetórias, trajetos e “motilidade” na Universidade de Brasília. *Antropolítica*, Niterói, n. 32, p. 87-112, 1. sem. 2012.

PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (org.). *Nas Asas de Brasília: Memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília: Editora UnB, 2010.

PEREIRA, Eva Waisros; COUTINHO, Laura Maria; RODRIGUES, Maria Alexandra M. *Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal*. Brasília: Editora UnB, 2018.

PESAVENTO, Sandra. Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.


RIBEIRO, Luis Cesar Queiroz; KATZMAN, Ruben (org.). *A Cidade Contra a Escola*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.

RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz *et al.* (org.). *Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VIANNA, Leticia; PINTO, F. R. C.; ZENUN, M.; SOUZA, R. M. Sociabilidade, arte e patrimônio cultural em uma utopia urbana. In: TEIXEIRA, João Gabriel; VIANNA, Letícia. *As Artes Populares no Brasil Central: performance e patrimônio*. Brasília: Idade da Pedra, 2012.

ZUCCARELLI, Carolina; CID, Gabriel. Oportunidades educacionais e escolhas familiares no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz *et al.* (org.). *Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.



Sobre as autoras e os autores

Alana Silva Waldvogel

<http://lattes.cnpq.br/0494728158202903> – Arquiteta pela Universidade de Brasília (FAU-UnB). Atualmente é mestranda em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, também pela UnB (PPG-FAU). Desde 2016 desenvolve pesquisas sobre a Morfologia Urbana de Ceilândia, tendo obtido Menção Honrosa por trabalho de iniciação científica sobre o crescimento dessa cidade. *E-mail:* alana_waldvogel@hotmail.com

Alexandre Jackson Chan Vianna

<http://lattes.cnpq.br/9276311740295002> – Professor Adjunto IV da Faculdade de Educação Física da UnB, membro do grupo de pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq). Atua na área de Educação Física. Realiza pesquisas na linha dos Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física e do Esporte, com interesse em trajetórias escolares e esportivas, formação e identidades. *E-mail:* chanvianna@unb.br

Cristina Patriota de Moura

<http://lattes.cnpq.br/0712338026370509> – Professora Associada II do Departamento de Antropologia da UnB, líder do grupo de pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq) e membro do Laviver (Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas). Atua na área de Antropologia Urbana e realiza pesquisas em Brasília e Pequim (China), com foco em vivências no espaço público urbano e trajetórias escolares com desdobramentos transnacionais. *E-mail*: cpatriota@unb.br

Elane Ribeiro Peixoto

<http://lattes.cnpq.br/1796841203235489> – Professora Associada I da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, vice-líder do grupo de pesquisa Cidades Possíveis (CNPq) e membro do Labeurbe (Laboratório de Estudos da Urbe), da UnB. Suas pesquisas concentram-se em temas relacionados à Cidade Contemporânea, envolvendo sua arquitetura, urbanismo e patrimônio. Membro do coletivo Ninhos, atua em projetos de extensão em escolas de ensino fundamental, com o propósito de incluir Brasília, sua história e seus desafios atuais na formação dos estudantes. *E-mail*: elane@unb.br

Julia Mazutti Bastian Solé

<http://lattes.cnpq.br/1128739135662402> – Mestranda em Patrimônio e Preservação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU) da Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB (FAU-UnB). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Museologia e Interdisciplinaridade (Geminter). Colaboradora da Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-Goiás), gestão 2018-2019. cursou o primeiro ano de Mestrado em História da Arquitetura na Escola de Arquitetura e Paisagem de Lille, no período 2015-2016. Palestrante no TEDx Brasília 016. Pesquisadora, curadora e projetista nas áreas de arquitetura, patrimônio e memória, expografia, curadoria e história da arte. *E-mail*: julia.mazzuttimbs@gmail.com

Maria Fernanda Derntl

<http://lattes.cnpq.br/5654879697444080> – Professora Associada do Departamento de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Universidade Brasília (FAU-UnB). Orientadora nos programas de pós-graduação da FAU e do Departamento de História da UnB. Bolsista produtividade nível 2 do CNPq. Membro do Labeurbe (Laboratório de Estudos da Urbe), da UnB, e do grupo de pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq). É autora do livro *Método e Arte: urbanização e formação de territórios na capitania de São Paulo, 1765-1811* (Alameda/Fapesp, 2013). Desenvolve pesquisas na área de História da Cidade, do Urbanismo e da Urbanização, com ênfase atual em Brasília e suas cidades-satélites. *E-mail:* fernandafau@unb.br

Vinicius Prado Januzzi

<http://lattes.cnpq.br/9429679094567153> – Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2013). Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela mesma universidade. Trabalha com antropologia urbana, expansão urbana e camadas médias em Brasília. Desde 2019, é antropólogo na Superintendência do Iphan no Distrito Federal. *E-mail:* vpjanuzzi@gmail.com

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Cotidianos, escolas e patrimônio

Percepções antropourbanísticas da capital do Brasil

O livro *Cotidianos, Escolas e Patrimônio: percepções antropourbanísticas da capital do Brasil* apresenta os resultados da pesquisa “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas na capital do Brasil”, fruto da colaboração entre dois laboratórios de pesquisa da Universidade de Brasília (UnB): o Laboratório de Estudos da Urbe (Labeurbe-PPG-FAU) e o Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas: Direitos, Políticas e Estilos de Vida (Laviver-PPGAS-DAN).

A obra reúne capítulos de autoria de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento sobre as relações entre espaços escolares, trajetórias cotidianas e a constituição do patrimônio na capital federal. O patrimônio é tratado como categoria polissêmica, mobilizada por pessoas em contato umas com as outras e com a cidade que produzem, vivem e significam.

Os textos dialogam com diferentes perspectivas para refletir acerca do modo como experiências da capital/metrópole são significadas por seus habitantes, e como a escola, com forte presença na vida urbana, repercute na percepção e na vivência do patrimônio cultural. O material de pesquisa de campo é proveniente de atividades realizadas em colaboração com dois Centros de Ensino Fundamental, um em Ceilândia e outro no Plano Piloto. O conjunto das análises abarcou percepções em diálogo com membros das comunidades escolares, permitindo entrever dinâmicas metropolitanas de forma original, com abordagens ainda pouco exploradas nos estudos disponíveis.

Foto ao fundo:

Pilares do
Instituto de
Biologia/UnB.
Por Beatriz Ferraz.



EDITORA



UnB

ISBN 978-65-5846-010-7



9 786558 460107